

Maria Elias Soares
Organizadora

Trazemos ao leitor mais um volume da *Revista de Letras*, periódico já longevo, nos seus trinta e três anos de edição ininterrupta. O presente volume apresenta pesquisas que podem ser, prioritariamente, vinculadas às áreas de Teoria e Análise Linguística e de Sociolinguística e Dialetoлогия. É desta área o trabalho que abre o volume: “Enfraquecimento das fricativas sonoras na fala do Ceará”, de Cláudia Nívia Roncarati de Sousa e José Alber Campos Uchoa, resultado de um dos subprojetos do projeto de pesquisa desenvolvido no período em que foi professora visitante da Universidade Federal do Ceará, o Projeto Dialeto Sociais Cearenses (UFC/FINEP, 1987/1988), coordenado pela autora e pelo Prof. José Carlos Gonçalves.

O artigo integra o presente volume para prestar uma homenagem à brilhante pesquisadora, falecida precocemente, em 2011, que muito colaborou para o desenvolvimento das pesquisas na área de Sociolinguística e Dialetoлогия na UFC, ao integrar-se ao grupo liderado pelo Prof. José Rogério Fontenele Bessa, que já vinha trabalhando na elaboração do Atlas Linguístico do Ceará (ALECE), no Núcleo de Pesquisa e Especialização em Linguística (NUPEL). Além de Cláudia Roncarati, participaram da pesquisa o professor Alber Uchoa, como colaborador, além de Margarida Roza de Almeida e Maria de Fátima Araújo, duas bolsistas (PIBIC) importantíssimas também no projeto ALECE. Os dados coletados pela equipe do DSC foram publicados, posteriormente no livro “*A linguagem falada em Fortaleza: diálogos entre informantes e documentadores - materiais para estudo*”.

As palavras do Prof. Alber Uchoa, que preferimos transcrever, expressam com clareza a personalidade e a tenacidade da homenageada: “Para a conclusão da pesquisa principal, com transcrições, revisões, exame de textos e anotações, não bastavam o espaço do NUPEL, nem os expedientes normais na Universidade, por isso nos reuníamos até em fins de semana e nos feriados na casa da professora Cláudia. Na redação do trabalho-relatório, trabalhamos ela e eu. Da professora Cláudia, dependeram as decisões, pois, além do dinamismo incomparável, era muito mais experiente que todos nós em pesquisa e em confecção de trabalhos. Comigo ficaram as questões de Fonética e de Fonologia, pois era um dos responsáveis pelo ensino da disciplina na UFC e trabalhava já há muito com a transcrição e revisão do que faziam outros transcritores, juntamente com o professor Rogério Bessa, no Atlas Linguístico do Ceará. Ressalto aqui, além da competência e da responsabilidade no trabalho, a vitalidade e a graça de Cláudia no convívio com as bolsistas pesquisadoras e comigo.”

Para o artigo ora publicado, os autores selecionaram um tema - o fenômeno do enfraquecimento das fricativas sonoras /v/, /z/ e /ʒ/ em português, que, até aquele momento, não fora objeto de estudos específicos, mas abordado por muitos autores, como Martinz de Aguiar (1937) e Serafim da Silva Neto (1979), que se limitavam, via de regra, a registrar os segmentos que podem ser enfraquecidos e a corroborar que o seu uso é socialmente estigmatizado.

O estudo, baseado em uma amostra obtida de 10 falantes de 10 a 42 anos, da zona urbana de Fortaleza trabalhou com dois objetivos: a) determinar os contextos linguísticos e pragmáticos que condicionam o enfraquecimento das fricativas sonoras /v/, /z/ e /ʒ/ e b) medir o nível de estigmatização do fenômeno, mediante a aplicação de um teste de atitudes linguísticas, apresentando trechos das gravações a informantes de nível universitário com iniciação em Linguística, para que julgassem frases com e sem enfraquecimento e tentassem caracterizar os falantes em termos de mercado lin-

guístico, isto é, em termos de nível de escolaridade e posição social no mercado ocupacional. Além de proceder a uma detalhada descrição, os autores demonstraram que o enfraquecimento das fricativas sonoras merece outros estudos que poderiam, por exemplo, delimitar a sua área de ocorrência.

O segundo artigo, “A metáfora gramatical e as fronteiras (externas e internas) da Fraseologia”, de Antonio Pamies da Universidade de Granada (Espanha), propõe que o conceito de metáfora gramatical, tal como definido pela Gramática Sistêmico-Funcional de Halliday (1985), pode ser utilizado como critério discreto para descrever a figuratividade fraseológica, e também para opor entre elas as principais categorias fraseológicas. Nesse sentido, segundo o autor, a existência de metáforas entre funções (*metáfora gramatical*) compensa o feito de que a metáfora “semântica” seja só um traço facultativo e potencial (*idiomaticidade*), pois mesmo os *frasesmas* não idiomáticos contêm um intercâmbio funcional atribuível a uma metáfora gramatical. Desse modo, Pamies insere a Fraseologia tanto no fenômeno mais largo e geral da polissemia e da figuratividade, na perspectiva semântica, como, formalmente, na metáfora gramatical, que é também um fenômeno mais geral compartilhado pela morfossintaxe.

Em “Breve estudo da formação lexical no Bico do Papagaio – Tocantins”, Josete Marinho de Lucena apresenta uma pesquisa embasada nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística e da Lexicologia/Lexicografia, desenvolvida na microrregião do Bico do Papagaio, região Norte do Estado do Tocantins. O artigo busca apresentar o léxico da citada região e suas similaridades com algumas variedades dos vizinhos estados do Pará e do Maranhão, além das influências linguísticas trazidas por informantes que chegaram ao Estado, vindo de outras regiões do Brasil, em busca de melhores condições de vida. O trabalho culmina com um pequeno glossário de termos e expressões utilizadas em larga escala pelos usuários da língua, separado por campos léxico-semânticos. A autora propõe que fatores extralinguísticos, como a construção étnico-cultural da região, a localização geográfica e o percurso histórico desenhado pelos sujeitos partícipes de tais processos, possibilitaram uma construção lexical diversa do próprio estado do Tocantins.

Utilizando a noção de política linguística de Spolsky (2004, 2009, 2012), que a define a partir de três dimensões: as práticas, as crenças e a gestão da língua, Socorro Cláudia Tavares de Sousa e Maria Elias Soares apresentam o artigo “Um estudo sobre as políticas linguísticas no Brasil”, em que discutem a noção de política linguística adotada e procuram exemplificar as asserções: a) as variedades linguísticas têm diferentes valorações no contexto social; b) o policiamento da língua é uma característica da cultura linguística e c) há a sobreposição de uma língua sobre outras em situações de multilinguismo. Para tanto, selecionam e discutem diferentes textos, como matérias jornalísticas, leis e glossário, que ilustram o funcionamento de algumas políticas linguísticas no país. A partir da análise empírica, observam que a língua, no Brasil, tem-se constituído como um instrumento de inclusão e de exclusão social. Afirmam, ainda, que a intervenção na língua é, ao mesmo tempo, representativa das crenças de seus usuários e definidora de valores em relação às línguas, a suas variedades e a seus respectivos usuários.

Em “Competência comunicativa escrita na escola”, de Nelly Carvalho e Maria Margarete Fernandes de Sousa, as autoras desenvolvem uma reflexão acerca de conceitos como competência linguística e competência comunicativa, para chegar à concepção de competência comunicativa escrita, por entender que esses fenômenos linguísticos se inter-relacionam, embora cada um preserve sua identidade. A propósito dessa questão discutem também concepções de alfabetização e letramento, no sentido de evidenciar o alcance de cada fenômeno no meio educacional. Por fim, problematizam algumas situações reais de uso da escrita para mostrar contextos de práticas sociais de letramento e suas relações com o contexto escolar e para propor que a escola considere o saber prévio da criança, que está inserida em situações de escrita, o que implica considerar aquilo que ela já sabe, em função de seu conhecimento de mundo, que é fundamental para sua aprendizagem.

O artigo “Do impresso ao digital: uma análise retórico-interacionista do gênero abaixo-assinado”, de Bárbara Olímpia Ramos de Melo e Leticia Queiroz Pereira, analisa as correlações entre integridade e versatilidade genérica com a mudança do suporte impresso para o digital. Para tanto, trabalha com um *corpus* de oito abaixo-assinados coletados em sindicatos de Teresina-PI e em sites, objetivando entender como, quando e por que ocorre a passagem de um gênero discursivo do formato impresso para o digital; descrever as características formais e funcionais tomando como objeto de estudo abaixo-assinados de suportes diferentes; identificar as correlações entre integridade e versatilidade genérica dos abaixo-assinados selecionados para o *corpus*; além de analisar, dada sua natureza, qual a contribuição do suporte para a estrutura e funcionamento do abaixo-assinado impresso e digital. As autoras mostram, como resultado da análise, que a integridade do gênero não foi comprometida, porque houve o uso da estrutura-base nos textos, e que a funcionalidade do gênero parece não ter sido influenciada crucialmente pela mudança de suporte. Sugerem, contudo, a necessidade de mais pesquisas, considerando que a investigação mais profunda da recepção do abaixo-assinado pode revelar o contrário.

Com base em Forceville (2007; 2009), para quem a metáfora multimodal é aquela em que o domínio-alvo e o domínio-fonte são constituídos exclusivamente ou predominantemente por diferentes modos semióticos, Silvana Maria Calixto de Lima e Marcos Helam Alves da Silva tratam do processamento das metáforas multimodais, em seu artigo “Metáforas multimodais na construção de sentidos do gênero charge: um exercício de análise”. Para o cumprimento do objetivo delineado para o estudo, os autores constituíram um corpus formado por cinco exemplares do gênero charge que versam sobre as temáticas política e justiça na sociedade brasileira. Os resultados da análise validam a proposição de Forceville (2007) de que a metáfora conceitual não ocorre exclusivamente por meio do modo semiótico verbal, mas também na inter-relação entre diferentes modos como o verbal e o imagético. A partir daí, esses resultados permitem compreender como a integração de diferentes modos semióticos, particularmente o verbal e o imagético, atua na construção de metáforas multimodais. Sugerem, igualmente, que a compreensão do processamento dessas metáforas é um fator decisivo para a construção dos sentidos das charges analisadas.

Walleska Bernardino Silva encerra o presente volume com o artigo “A introdução referencial em textos verbo-imagéticos”, que tem como objetivo analisar o funcionamento referencial de objetos de discurso em textos verbo-imagéticos, com fundamento nos postulados da Linguística Textual de base sociocognitivo-discursiva, especialmente a referenciação (MONDADA; DUBOIS, 2003), por meio da abordagem referencial da não menção cotextual (CAVALCANTE, 2011), cujos princípios e categorias de análise foram correlacionados à teoria de modelos de contexto de Van Dijk (2012). Para tanto, selecionou 22 textos verbo-imagéticos presentes em dois gêneros distintos: a tira e o anúncio publicitário, para mostrar, especificamente, como funcionam os objetos de discurso na introdução referencial. A autora constatou que em todos os textos houve introdução referencial realizada por objetos de discurso nos modos verbal e imagético, recategorizados, prioritariamente, por objetos de discurso no modo imagético. A análise também possibilitou atestar a multifuncionalidade da introdução referencial, uma vez que não se deteve apenas na função de apresentar referentes.

A breve sinopse de cada trabalho posto à disposição dos leitores no primeiro número do volume 33 da *Revista de Letras*, mostra um breve panorama dos resultados de pesquisas, conduzidas por representantes de oito diferentes instituições de ensino superior, com forte atuação na pesquisa e na pós-graduação, no país e no exterior. O debate e a colaboração entre estudiosos dos temas focalizados serão sempre bem vindos.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, M. Fonética do português do Ceará. *Revista do Instituto do Ceará*, tomo LI. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1937.
- CAVALCANTE, M. M. *Referenciação: sobre coisas ditas e não ditas*. Fortaleza: Edições UFC, 2011.
- FORCEVILLE, C. Multimodal Metaphor in Ten Dutch TV Commercials. *The Public Journal of Semiotics*, v. 1, n. 1, p. 15-34, p. 2007.
- FORCEVILLE, C. Non-verbal and multimodal metaphor in a cognitivista framework: agendas for research. In: FORCEVILLE, C.; URION-APARISI. *Applications of cognitive linguistics: multimodal metaphor*. New York: Mouton de Gruyter, 2009.
- MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (Org.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003.
- SILVA NETO, S. da. *História da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Presença, 1979.
- SOARES, M. E., ARAGÃO, M. S. S. de. *A linguagem falada em Fortaleza: diálogos entre informantes e documentadores: materiais para estudo*. Fortaleza: Imprensa Universitária/UFC, 1996.
- SPOLSKY, B. *Language policy: key topics in Sociolinguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- _____. *Language Management*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.
- _____. What is language policy? In: _____. *The Cambridge Handbook of Language Policy*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.
- VAN DIJK, T. A. *Discurso e contexto: uma abordagem sociocognitiva*. São Paulo: Contexto, 2012.